

O escritor que data e assina sua obra aponta, de imediato, para um lugar e um tempo de onde se fala. Marcas e assinaturas, ora grafadas convencionalmente por meio do nome do autor ou de prefácios, ora diretamente lançadas no interior do texto ou em final de capítulo, corporificam contextualmente a escrita. Títulos, epígrafes e dedicatórias também concorrem para a produção do imaginário teórico do autor, em que se processa o intercâmbio sutil entre amigos, colegas e pais intelectuais. Os meandros da enunciação textual são captados através de várias formas de inscrição autoral, fragmentos que se articulam para o possível arranjo do desenho. Penetrar na armadilha enunciativa da obra de Luiz Costa Lima exige o recorte vertical e o pinçar dos elos que se enlaçam no corpo tecido por seu discurso-rede.

O objetivo deste ensaio é reconstituir o caminho teórico do autor enquanto inserido na história da crítica literária brasileira dos últimos vinte anos, uma vez que a produção de sua autobiografia intelectual e social se processa pela prática de uma escrita engajada historicamente. A discussão interna sobre a relação entre literatura e história vem completar a estreita vinculação que Costa Lima estabelece entre a produção e a recepção do discurso ficcional.

Responsável, dentre outros, pelo fortalecimento de uma tradição teórica no Brasil, constrói uma obra que não se pauta pela reprodução e mera divulgação de teorias estrangeiras, mas pelo questionamento e diálogo com a realidade nacional. Seu temperamento inquieto percorre universidades estrangeiras, convivendo com novas formas de pensar a teoria literária e essa experiência nos é transmitida sem preconceitos ou complexos. O intercâmbio cultural se processa de modo a não privilegiar nem o pesquisador nativo nem o estrangeiro: inexistente o escrúpulo em apontar certa anterioridade ou posterioridade no conhecimento, mas a demonstração de que as idéias participam de um contexto histórico comum, embora dotadas de particularidades distintas. Uma identidade cultural, portanto, que vai sendo moldada pelas várias vozes da cultura nacional e estrangeira e que assume feição intersubjetiva e plural. Compondo um diálogo com intelectuais brasileiros ou com seus mestres e colegas estrangeiros, como Auerbach, Lévi-Strauss e, mais recentemente, os alemães, dentre eles, Ulrich Gumbrecht, Costa Lima propaga o hábito da reflexão e da polêmica teóricas entre nós.

Dotado de espírito irrequieto, seu texto revela o caráter precário do ensaio e da experimentação, estruturado com base em erros e ignorando a certeza ilusória dos começos. Por essa razão, a obra se inscreve como uma grande errata, corrigindo-se aqui e ali o que fora afirmado anteriormente, retirando prefácios de coletâneas em novas edições, acrescentando posfácios, enfim, passando a limpo o livro de ontem. Esta sua grande qualidade e seu maior risco.

O período de vinte anos correspondente à sua produção intelectual inicia-se com *Por que literatura* (1966) e se prolonga até *Pensando nos trópicos* (1991), representando uma progressão teórica e metodológica que comete incursões na análise sociológica, no estruturalismo lévi-straussiano e na estética da recepção e do efeito, culminando com o exame do veto ao imaginário ao longo da história. Podem-se perceber duas grandes fases em sua obra. A primeira se faz representar pelos livros iniciais *Por que literatura* e *Lira e antilira* (1968), marcados por abordagem sociológico-estrutural, e os textos que vão de *Estruturalismo e Teoria da Literatura* (1973) até *A perversão do trapezista* (1976), caracterizados pelo rigor do método estruturalista lévi-straussiano. A segunda, estende-se de *Mimesis e Modernidade* (1980) e *A aguarrás do tempo* (1989), em que retoma a problemática da mimesis e considera a participação do receptor enquanto constituinte do ficcional. Inicia, a partir de *O controle do imaginário*, o exame da representação social da mimesis e dos mecanismos de controle aplicados à ficção.

A mudança de interesse verificada em sua trajetória traz como marco a revitalização dos estudos históricos, abandonados na época da prática estruturalista e agora retomados pelo pesquisador. Se o estruturalismo não foi capaz de ultrapassar o recorte sincrônico, ao despertar a história por seu caráter positivista e continuísta, as novas perspectivas abertas pela disciplina incentivaram nova postura frente à abordagem sociológica da literatura. Dessa maneira, o seu livro de 1973; *Estruturalismo e Teoria da Literatura*, realiza um corte

sincrônico na crítica. Ao optar pelo estruturalismo lévi-straussiano e se opor à crítica de natureza estética, recortando, paradigmaticamente, seu material de trabalho. Ao se privilegiar o sincrônico em detrimento do diacrônico, traçava-se a história da crítica de acordo com o pólo de oposições montado pela armadura analítica, ou seja, a *produção/recepção*. Em *Sociedade e discurso ficcional* (1986), a dedicatória a Antonio Candido sela emblematicamente o livro como pertencente à linhagem teórica de *Literatura e sociedade* (1972), reforçando a abordagem sociológica (e não sociologizante), que sempre buscou.

A obra de Costa Lima se completa pela organização de volumes de textos teóricos, consagrados à divulgação de idéias na área das Ciências Humanas, e, principalmente, de *Teoria da Literatura: O estruturalismo de Lévi-Strauss* (1968), *Teoria da cultura de massa* (1969), *Teoria da Literatura em suas fontes* (1975 e 1983) e *A literatura e o leitor* (1979), este último sobre a estética da recepção e do efeito.¹

O caminho crítico do autor se resume na busca constante de pistas para o entendimento do discurso literário e na ousadia das questões que apresenta. Desde os primeiros livros, a análise desse discurso não se desvincula de seu contexto histórico-social, recebendo, na fase estruturalista, tratamento relativo à "sensibilização contextual", e se opondo às abordagens imanentistas do texto, defendidas principalmente pelo Formalismo Russo, o New Criticism anglo-saxão e o Estruturalismo francês.

¹ Cf. Bibliografia.

Corrigindo as falhas contidas no estruturalismo, Costa Lima amplia o conceito de *discurso ficcional*, apropriando-se da teoria do efeito de Iser, ao considerar a maneira pela qual a obra é recebida e a ponte criada entre texto e leitor. Reúne a prática da análise estrutural, transformada em análise dos discursos, e a estética do efeito. O importante é apontar a diferença entre cada discurso submetido a exame — o ficcional-literário, o religioso, o científico — a partir de suas marcas próprias que exigem, por conseguinte, recepções diferenciadas.² No caso específico da análise do texto ficcional, o autor declara utilizar reflexões de autores que trabalham com o discurso na área das Ciências Humanas, como Foucault e Goffman (a territorialidade do cotidiano), ao procurar entender, no ato da enunciação, o lugar do interlocutor e as redes de poder presentes no ato da fala.³

A contribuição teórica trazida pelas pesquisas referentes ao controle do ficcional através da recepção histórica abre perspectivas para se pensar a Literatura Comparada num âmbito

² Cf. *Sociedade e discurso ficcional*, p.73-74.

³ A teoria da literatura, como a praticamos, concebendo seu objeto como a modalidade verbal do discurso ficcional, está necessariamente em relação com o desenvolvimento da teoria dos atos de fala, conquanto não seja de esperar que seu relacionamento traga inevitáveis convergências (...). Estrategicamente, pois, em vez de depositarmos maior esperança nesse intercâmbio, é preferível desenvolvermos o conhecimento do ato de fala próprio ao discurso ficcional-literário, partindo do suposto de que sua justificação teórica, enquanto ato de inspiração foucaultiana das relações entre saber e poder, da análise da territorialidade do cotidiano por E. Goffman, do desenvolvimento da teoria dos atos da fala. LIMA, *Sociedade e discurso ficcional*, p.367.

mais abrangente e cultural, desvinculando-se da tradicional e, às vezes, inoperante aproximação entre autores e obras.

ERRATAS DA ESCRITA

O repúdio do autor pelo discurso ensaístico brasileiro, pautado, especificamente, pela dicção de Gilberto Freire que caracterizaria um certo tipo de "cultura auditiva" se reforça pela exposição argumentativa e sistemática do pensamento de Costa Lima. Ao denunciar as marcas de oralidade e improvisação do ensaio, rico em palavrório e artifícios sedutores, revela-o como fruto de uma cultura transmitida de boca em boca, sem cadeias demonstrativas e cujo palco é a "palavra teatralizada".⁴ Segundo o crítico, a intelectualidade brasileira, moldada no hábito do palco e da tribuna, se vê retratada como desprovida do espírito de debate e reflexão, por acreditar no poder sedutor do discurso e se contentar com a precariedade dos argumentos. Essa improvisação funciona como arma de dois gumes, pois serve tanto para preservar a condição colonial da cultura brasileira quanto para privilegiar o espírito prático e experimental, contrapondo-o à reflexão teórica. Tal argumento se expande para questões ligadas à dependência cultural, quando afirma ser a desorganização e ausência de método no pensamento de um povo grande fator para se consolidar a condição de dominado frente às outras culturas. O crítico assim se expressa:

⁴ Cf. LIMA, Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil.